



Assunto: Concessão de Título de Doutor *Honoris Causa* ao Cacique Raoni

1 - Raoni: ícone da reivindicação pelos direitos indígenas e da defesa das florestas.

O Cacique Raoni (Ropni Metyktire) é o líder indígena Mebêngôkre (Kayapó), nascido em Kapôt no Estado de Mato Grosso, no início dos anos 1930. Raoni tem como uma de suas marcas registradas o botoque, adorno que carrega no lábio inferior, representando seu compromisso com a terra na qual nasceu.

Para a apresentação da trajetória do Cacique Raoni, utiliza-se da sua biografia publicada no site <http://raoni.com/biografia.php>.¹

Raoni. Com este nome só, evoca-se todo o mistério e o poder do povo Caiapó, do qual ele é um dos guias. Obstinado e insubmisso, esse chefe carismático leva há 4 décadas uma verdadeira cruzada para tentar salvar a floresta amazônica que o viu nascer. Pai fundador do movimento para preservação das últimas florestas tropicais, patrimônio inestimável da humanidade, ele arriscou muitas vezes sua vida por essa nobre causa.

Para além da Amazônia, Raoni representa o símbolo vivo da luta levada pelas últimas tribos do mundo para proteger uma cultura milenar, em conexão direta com a natureza: uma luta pela vida. Centenas de gerações separam nossa época dos usos e costumes dessas populações ameaçadas. Raoni atravessou esse abismo imenso durante uma única existência, conservando estoicismo e dignidade. Encontrou-se com os grandes deste mundo mas vive em uma cabana simples e nada possui.

Ninguém sabe com precisão qual foi o dia em que veio ao mundo. Foi provavelmente no início dos anos 1930, talvez em 1932. O que sabemos contudo é que ele nasceu num vilarejo chamado Krajmopyjakare, lugar que hoje se chama Kapôt, no coração do Mato Grosso...

Sendo os Caiapós nômades, sua infância foi marcada por deslocamentos incessantes. Com a idade de 15 anos, Raoni guiado por seu irmão Motibau, começou a instalar seu labret, adorno portado sobre o lábio inferior, marca de reconhecimento

¹ O cacique Raoni possui um site desenvolvido pelo webmaster Mathieu Bonnet, atualizado no período de 2010 a 2017, para apoiar sua luta pela floresta amazônica. Cabe destacar que o site não é atualizado desde junho de 2017, porém o seu conteúdo continua disponível para a consulta.



dos guerreiros prontos a morrer por sua terra. O tamanho do labret aumenta pouco a pouco atingindo o tamanho final depois de 4 meses.

Foi em 1954 que Raoni encontrou-se com os irmãos Villas Boas, famosos indigenistas brasileiros. Com eles, começou a aprender a língua portuguesa e tomar consciência do mundo afora, aquele dos homens brancos. Ficou um ano inteiro perto dos irmãos Villas Boas.

No fim dos anos 1950, encontrou-se com seu primeiro presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek. Mais tarde em 1964, cruzou o caminho do rei Leopold III da Bélgica, que estava em expedição na região. Sinal do destino já que será outro belga que irá transformar o curso da sua existência, alguns anos mais tarde.

O encontro com o belga em questão, o jovem cineasta Jean Pierre Dutilleux, ocorreu em 1973. Fascinado pela personalidade e o carisma inacreditável de Raoni, Dutilleux voltou a visitá-lo alguns anos mais tarde com a ideia de dedicá-lo seu primeiro filme documentário longa-metragem.

O filme «Raoni» é apresentado no festival de Cannes em 1977. Foi um sucesso de crítica mas Jean Pierre Dutilleux transforma o teste conseguindo implicar Marlon Brando, filmando-o para uma versão inglesa. Raoni foi então indicado aos Oscars e exibido no Mann's Chinese Theatre de Los Angeles. O Brasil aclama o filme e Raoni torna-se o índio mais famoso do país continente. Este toma então consciência de que Kritako, o homem do nariz de faca, apelido indígena de Dutilleux, e sua câmera deram para ele o poder de divulgar as preocupações do povo Caiapó quanto ao desmatamento que ameaça seu meio ambiente.

Em 1989, com ajuda do cantor Sting (que lhe foi apresentado por Dutilleux) Raoni deixa o Brasil pela primeira vez e lança, em 17 países, um pedido de ajuda. Divulgado pela maior parte das redes de televisão, contribuirá para a tomada de consciência: o desmatamento não só destrói as últimas tribos indígenas como compromete o futuro de todos.

Doze Fundações Rainforest (Selva Virgem) são então criadas, com o primeiro objetivo de obter recursos para ajudar na criação, na Amazônia, na região do Xingu, de um parque nacional com uma superfície de mais ou menos 180 000 km² (cerca de um terço da França).

A missão foi cumprida em 1993, depois do formidável sucesso obtido pela sua vida. Este parque, situado nos estados do Mato Grosso e do Pará, constitui hoje uma



das maiores reservas de florestas tropicais do planeta. Depois desta campanha, o G7 irá desbloquear os fundos necessários à demarcação de todas as reservas indígenas existentes hoje no Brasil.

O presidente francês Mitterrand, foi o primeiro a apoiar a iniciativa de Raoni; seu apoio trouxe um formidável impulso nesta cruzada memorável. Seguiram, dentre outros, Jacques Chirac, o rei Juan Carlos da Espanha, o Príncipe Charles e o Papa João Paulo II...

Em 2000, enquanto o mundo se questiona sobre os grandes desafios que a humanidade irá enfrentar no novo milênio, Raoni volta à França, depois de 11 anos de ausência, no mesmo momento em que o Brasil celebrava o 500º aniversário de sua «descoberta» e anunciava oficialmente a continuidade do desmatamento como resposta às encomendas exteriores de madeira preciosa. Ele obteve novamente o apoio do presidente Jacques Chirac para seu projeto do Instituto Raoni, um conceito de liderança para preservar uma imensa área de floresta tropical no coração da Amazônia brasileira. Apesar de um estudo de viabilidade financiado pela França e de grandes esperanças, o projeto ficou congelado depois dos eventos do 11 de setembro 2001.

É o projeto do imenso complexo de barragens, a de Belo Monte, que ameaça diretamente o território que ele protegeu com tanta dificuldade, que fez Raoni sair da sua reserva em 2009. Ele decide então lançar-se numa última campanha para procurar apoio na Europa e dar um novo impulso ao Instituto Raoni, com o apoio do fiel amigo Jacques Chirac.”

2- Motivos para sua indicação: as causas de Raoni

2.1- A causa da luta pela terra, pelos direitos dos índios, justiça social e pela democracia:

Raoni é mundialmente conhecido como um ícone da reivindicação pelos direitos indígenas, da resistência contra a violação de tais direitos e da defesa das florestas. A trajetória de Raoni está presente em filmes, biografias, reportagens, sites e blogs. O cacique Raoni é considerado uma figura emblemática por sua intensa mobilização contrária à construção da usina hidrelétrica de Belo Monte. Tal posicionamento deve-se ao fato de a usina afetar negativamente o modo de vida de



vários povos indígenas e de ribeirinhos, causando diversos problemas socioambientais.

O cacique é uma das vozes mais importantes pela preservação da floresta. Raoni tornou-se conhecido no mundo todo a partir dos anos 80, quando começou a viajar pelo mundo para tornar a causa indígena conhecida e também em busca de apoio financeiro (NUNES, 2019).

Em 1984, Raoni encabeçou a reivindicação pela demarcação de parte do território Mebêngôkre à margem direita do rio Xingu. Tal demarcação correspondia a uma promessa não cumprida do governo federal. Raoni teve uma atuação bastante significativa durante o processo da Assembleia Constituinte entre os anos de 1987 e 1988, participando de várias mobilizações por garantia de direitos na Constituição de 1988. Após muitos debates e ações que contaram com a participação ativa do movimento indígena, foram garantidos, com a Constituição Brasileira de 1988, os direitos fundamentais dos povos indígenas, em particular com respeito às suas terras (NEVES, 2014).

Em fevereiro de 1989, Raoni e outras lideranças indígenas realizaram o Primeiro Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em Altamira (PA). Neste evento, protestou-se contra a construção do Complexo Hidrelétrico do Xingu, contando com a presença de centenas de índios de diversos povos, da mídia nacional e internacional, de ambientalistas, de lideranças como Ailton Krenak e Marcos Terena, de autoridades como o então diretor da Eletronorte. O evento teve repercussão mundial e foi encerrado com a exigência de revisão dos projetos de desenvolvimento para a região do Xingu, através da Campanha Nacional em Defesa dos Povos e da Floresta Amazônica e com o lançamento da Declaração Indígena de Altamira. A obra foi então temporariamente paralisada, porém, retomada no ano de 2010 (NEVES, 2014).

No ano de 1989, com ajuda do cantor Sting, o cacique Raoni viajou para o exterior. Como resultado do auxílio internacional angariado por Raoni, foram criadas organizações não governamentais com vistas a proteger as florestas e os Mebêngôkre, como a Rainforest Foundation e a Fundação Mata Virgem, sua filial no Brasil. Em 1992, a Fundação Mata Virgem financia a demarcação, liderada por Raoni, da Terra Indígena Mekragnoti (PA). O presidente francês François Mitterrand foi o primeiro a apoiar a iniciativa de ambos. Seguiram-se, dentre outros, Jacques Chirac, o rei Juan Carlos da Espanha, o Príncipe Charles da Inglaterra, o Papa João Paulo II.



Em 2000, o cacique Raoni retornou a França, anunciando a continuidade do desmatamento como resposta às encomendas exteriores de madeira preciosa. Ele obteve novamente o apoio do presidente Jacques Chirac para seu projeto do Instituto Raoni, um conceito de liderança para preservar uma imensa área de floresta tropical no coração da Amazônia brasileira (NEVES, 2014).

No contexto da campanha denominada “Urgência Amazônica”, o presidente da França, François Hollande, recebeu, no dia 29 de novembro de 2012, os três representantes indígenas – Raoni, Mekarõ e Bemoro – acompanhados de Gert-Peter Bruch (presidente da Planèt Amazone) e do ambientalista Nicolas Hulot. A referida campanha é lançada oficialmente, no dia 30 de novembro de 2012, em Paris.

No dia 12 de junho de 2013, Raoni somou-se aos 150 indígenas dos povos Mundurucu e Xipaia (povos que sofrerão ainda mais drasticamente as consequências da construção de Belo Monte), em Brasília, para protestar contra a construção de hidrelétricas em seus territórios. Raoni, acompanhado de Patxon Metyktire, Puyu Txucarramãe e Yabuti Metyktire, reuniu-se aos outros indígenas, que se manifestavam há oito dias, no final da tarde do dia 12, na sede da Funai. Os povos Mundurucu e Mebêngôkre tiveram conflitos no passado, razão pela qual o encontro foi retratado como histórico. Os povos indígenas agora se unem na luta contra a construção de hidrelétricas em seus territórios e contra a ameaça aos seus direitos representada por projetos e decretos, a exemplo da PEC-21559.

Por tudo que sua trajetória representa para os povos originários, o Brasil e o mundo, a Fundação Darcy Ribeiro decidiu iniciar uma campanha para indicação do nome de Raoni ao Prêmio Nobel da Paz de 2020, para que seja o primeiro brasileiro a conquistar a honraria e ganhar ainda mais visibilidade no planeta (Nunes, 2019). Tal iniciativa reconhece os méritos de Raoni Metyktire enquanto líder de renome mundial, que, do alto de seus quase 90 anos, dedicou sua vida à luta pelos direitos dos indígenas e pela preservação da Amazônia.

A luta de Raoni, contudo, não é nova. Há mais de 30 anos ele atua em defesa de seu povo, pela demarcação do território Kaiapó e pela preservação da Amazônia (FARÍAS, 2019).

2.2- Prêmios e Títulos:



No dia 7 de novembro de 2007, Raoni é premiado pelo Ministério da Cultura em Belo Horizonte (MG).

No dia 11 de dezembro de 2008, Raoni recebe o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT.

Em campanha pela Europa, em 2011, contra a construção de Belo Monte, Raoni recebeu, no dia 27 de setembro, o título de cidadão honorário da cidade de Paris, em reconhecimento da sua luta em defesa das florestas e dos povos indígenas.

Em 2012, Raoni foi o primeiro líder indígena vivo escolhido para ser homenageado pelo "Prêmio Culturas Indígenas".

3- A UNEMAT e a Educação Indígena

No dia 20 de julho de 1978, foi criado o Instituto de Ensino Superior de Cáceres, que traz em sua história a marca de ter nascido no interior. Com base na Lei Nº 703, foi publicado o Decreto Municipal Nº 190, criando o Instituto de Ensino Superior de Cáceres (IESC), vinculado à Secretaria Municipal de Educação e à Assistência Social, com a meta de promover o ensino superior e a pesquisa. Passa a funcionar como Entidade Autárquica Municipal em 15 de agosto do mesmo ano.

Hoje, a Unemat possui 13 *campi*, 17 núcleos pedagógicos e 24 polos educacionais de Ensino a Distância. Cerca de 22 mil acadêmicos são atendidos em 60 cursos presenciais e em outros 129 cursos ofertados em modalidades diferenciadas. Atualmente, a instituição conta com quatro doutorados institucionais, quatro doutorados interinstitucionais (Dinter), três doutorados em rede, 11 mestrados institucionais, um mestrado interinstitucionais (Minter) e cinco mestrados profissionais.

A Unemat desenvolve ações pioneiras para atender às demandas específicas do Estado. O programa Parceladas da Unemat foi criado em 1992 como uma modalidade diferenciada de ensino, com objetivo de atender às demandas de formação de professores em diferentes regiões de Mato Grosso. O modelo de formação presencial oferecido em regime parcelado ou em regime contínuo serviu de exemplo para outras universidades brasileiras.

O ensino a distância passou a ser ofertado pela Unemat em 1999, com objetivo inicial de formar professores da rede pública nos cursos de Pedagogia e Educação Infantil. A partir de 2008, a instituição integrou o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), passando a ofertar cursos que beneficiam toda a comunidade. Em 2010, a



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CONSELHO UNIVERSITÁRIO - CONSUNI



Unemat passou a oferecer por meio da UAB também cursos de bacharelados e até 2018 também ofertou cursos de especialização lato sensu em diferentes áreas.

Por meio da Diretoria de Educação Indígena, a Unemat passou a ofertar, a partir de 2001, cursos de licenciaturas específicos e diferenciados para mais de 30 etnias. Os cursos são oferecidos no câmpus de Barra do Bugres. A UNEMAT orgulha-se de ter formado cerca de 450 professores indígenas os quais hoje estão, mais de 95%, atuando em escolas indígenas do nosso Estado.

Cabe destacar que a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) tem, ao longo do tempo, contribuído para o fortalecimento da educação escolar indígena específica e diferenciada no Estado de Mato Grosso e, por consequência, em nível nacional. Para tal, tem adotado práticas e ações visando a oferta de Educação Superior para povos indígenas. Nesse sentido, a execução de cursos de formação com currículos específicos e diferenciados tem sido uma das ações da UNEMAT no campo da Educação Superior Indígena. A partir do ano 2000, a universidade iniciou a execução do Projeto de Formação de Professores Indígenas – 3º Grau Indígena, após ter participado das discussões estabelecidas para sua concepção, com representação na então Comissão Interinstitucional e Paritária designada para este fim no ano de 1997. Atualmente são oferecidos três cursos de Licenciaturas: Línguas, Artes e Literaturas; Ciências Matemáticas e da Natureza; e Ciências Sociais (UNEMAT, 2013).

Quanto à metodologia, os cursos obedecem a um regime especial e são desenvolvidos de forma intensa e presencial nos períodos de férias e recessos escolares, com atividades cooperadas entre docentes e cursistas nos períodos em que estes estão ministrando aulas nas escolas indígenas. Durante as etapas intermediárias, os estudantes desenvolvem atividades de Estágio nas escolas de suas aldeias, acompanhadas por professores da instituição, aproximando ainda mais o projeto da realidade vivida em cada comunidade indígena, contribuindo dessa forma para a consolidação de uma educação escolar específica e diferenciada, que atenda aos anseios de cada povo (UNEMAT, 2013).

O currículo é flexível e definido com ampla participação dos estudantes e demais envolvidos no contexto, partindo de pressupostos, como a afirmação da identidade étnica e valorização dos costumes, língua e tradições de cada povo. Propõe-se, também, a buscar respostas para os problemas e expectativas das comunidades, assim como compreender os processos históricos em que as



comunidades indígenas e outras formas de sociedade estão mergulhadas. Para isso, aponta-se para o estudo e utilização das línguas indígenas no trabalho docente e o debate sobre os projetos de vida e de futuro de cada povo (UNEMAT, 2013).

E, neste ano de 2019, a UNEMAT conseguiu aprovar, junto a CAPES, o curso de mestrado profissional Intercultural indígena para atender a formação de professores indígenas.

4- Da propositura

A outorga do grau de Doutor Honoris Causa, por parte da universidade, representa a escolha de uma personalidade ilustre, pela sua postura de vida, pela sua obra e contribuição para o bem comum. Ao oferecer o título de Doutor Honoris Causa ao líder indígena Mebêngôkre (Kayapó) Ropni Metyktire, mais conhecido como Raoni, a Universidade do Estado de Mato Grosso reconhece os méritos desse líder que se destacou no cenário nacional e internacional, da reivindicação pelos direitos indígenas, da resistência contra a violação de tais direitos e da luta pela preservação das florestas.

Diante da importância da cultura dos povos indígenas na formação da população e da cultura do Estado de Mato Grosso e o papel que a UNEMAT desenvolve, desde a sua criação, nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, a UNEMAT reconhece que o cacique Raoni teve uma participação fundamental na história indígena do país. A trajetória de luta desse líder, seu carisma e poder simbólico, bem como as alianças estratégicas por ele empreendidas, fazem dele um ícone, mundialmente reconhecido, da reivindicação pelos direitos indígenas e da resistência contra a violação de tais direitos.

Raoni é um líder indígena que se constitui enquanto porta voz dos povos indígenas de forma geral (e não apenas dos Mebêngôkre). A atuação de Raoni atravessa gerações que lidam com diferentes demandas. Raoni continua atraindo para si a atenção de diversos setores sociais mundo a fora, sendo, portanto, há décadas, uma figura forte na defesa dos povos indígenas e das florestas.

No histórico de honrarias, a UNEMAT concedeu o título Doutor *Honoris Causa* a Dom Pedro Casaldáliga, pelas suas contribuições nas causas de luta pela terra, pelos direitos humanos, justiça social, causa indígena, consciência ambiental, produção literária, na luta pela educação e implantação da UNEMAT na região do



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CONSELHO UNIVERSITÁRIO - CONSUNI



Médio Araguaia (Resolução Nº 085/2017 – CONSUNI). No ano de 2018, concedeu o título de “Doutor *Honoris Causa*” ao Prof. Carlos Alberto Reyes Maldonado, pelo grau excepcional de densidade intelectual, coragem de enfrentar as adversidades, senso de justiça e de luta pelos direitos humanos, contribuição ética e política, crença na educação e pela visão de futuro que deu origem à Universidade do Estado de Mato Grosso (Resolução Nº 014/2018 – CONSUNI).

É pela luta da UNEMAT de nos mantermos presentes em todos os rincões do Estado que nossa história tem se constituído e construído com a história de tantas outras pessoas neste Estado. E foi por iniciativa dos movimentos indígenas que a história da UNEMAT se fez também com a história dos povos indígenas de Mato Grosso, ao iniciar a oferta do curso de nível superior especialmente para atender a formação de professores indígenas, no final da década de 1990 e início da década de 2000. Somos orgulhosos de fazer parte da história de formação de professores indígenas do nosso Estado e do Brasil.

Sustentado nesta nossa história e na história de vida do Cacique Raoni, que tem sido um exemplo de luta e de defesa da vida, porque só se pode ter condições de vida com dignidade se o povo indígena tiver a mata, o rio, a terra para nela viver, é que indico e defendo a homenagem que queremos prestar ao Raoni.

Diante do exposto, e em conformidade com a Resolução nº 036/2017 – CONSUNI, eu Rodrigo Bruno Zanin, Presidente deste Conselho, indico e defendo, portanto que a Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, confira o título Doutor *Honoris Causa* ao caique Raoni, pela sua dedicação ao longo da vida em prol do meio ambiente, ecologia e pela convivência na diversidade, a luta pela floresta e o direito à vida.

5- Referências Bibliográficas:

Cacique Raoni: Biografia. Disponível em: <http://raoni.com/biografia.php> Acessado em 18/11/2019.

Conselho Universitário – CONSUNI. Aprova a concessão do título de “Doutor Honoris Causa” a Dom Pedro Casaldáliga. Resolução Nº 085/2017 – CONSUNI, 05 e 06 de dezembro de 2017. Sala das Sessões do Conselho Universitário, em Cáceres-MT.



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CONSELHO UNIVERSITÁRIO - CONSUNI



Conselho Universitário – CONSUNI. Aprova a concessão do título de “Doutor *Honoris Causa*” ao Prof. Carlos Alberto Reyes Maldonado. Resolução Nº 014/2018 – CONSUNI, 30 e 31 de janeiro de 2018. Sala das Sessões do Conselho Universitário, em Luciara-MT.

Farias, Elaíze. Lideranças indígenas torcem para Raoni ganhar o Nobel da Paz. Amazônia Real. 19/09/2019. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/liderancas-indigenas-torcem-para-raoni-ganhar-o-nobel-da-paz/>. Acessado em 18/11/2019.

Giraldi, Renata. Em Paris, cacique Raoni busca apoio contra Belo Monte. Exame. 20 de setembro de 2011. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/em-paris-cacique-raoni-busca-apoio-contr-belo-monte/>. Acessado em 19/11/2019.

Neves, Roberta Cristina. O ÍCONE RAONI: LÍDER INDÍGENA MEBÊNGÔKRE NO CENÁRIO GLOBAL. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

Nunes, Mônica. Raoni para o Prêmio Nobel da Paz: Fundação Darcy Ribeiro lança campanha pela indicação do líder indígena Kayapó (em 2020). Conexão Planeta. 10/10/2019. Disponível em: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/raoni-para-o-premio-nobel-da-paz-fundacao-darcy-ribeiro-lanca-campanha-pela-indicacao-do-lider-indigena-kayapo-em-2020/>. Acessado em 18/11/2019

UNEMAT. Universidade do Estado de Mato Grosso. Projeto Político Pedagógico dos Cursos de Licenciatura Intercultural Indígena. Barra do Bugres – MT. 2013. 57p



Belo Monte :
petição do Cacique Raoni

Biografia

Raoni. Com este nome só, evoca-se todo o mistério e o poder do povo Caiapó, do qual ele é um dos guias. Obstinado e insubmisso, esse chefe carismático leva há 4 décadas uma verdadeira cruzada para tentar salvar a floresta amazônica que o viu nascer. Pai fundador do movimento para preservação das últimas florestas tropicais, patrimônio inestimável da humanidade, ele arriscou muitas vezes sua vida por essa nobre causa.

Para além da Amazônia, Raoni representa o símbolo vivo da luta levada pelas últimas tribos do mundo para proteger uma cultura milenar, em conexão direta com a natureza: uma luta pela vida. Centenas de gerações separam nossa época dos usos e costumes dessas populações ameaçadas. Raoni atravessou esse abismo imenso durante uma única existência, conservando estoicismo e dignidade. Encontrou-se com os grandes deste mundo mas vive em uma cabana simples e nada possui.

Ninguém sabe com precisão qual foi o dia em que veio ao mundo. Foi provavelmente no início dos anos 1930, talvez em 1932. O que sabemos contudo é que ele nasceu num vilarejo chamado Krajmopyjakare, lugar que hoje se chama Kapôt, no coração do Mato Grosso...

Sendo os Caiapós nômades, sua infância foi marcada por deslocamentos incessantes. Com a idade de 15 anos, Raoni guiado por seu irmão Motibau, começou a instalar seu labret, adorno portado sobre o lábio inferior, marca de reconhecimento dos guerreiros prontos a morrer por sua terra. O tamanho do labret aumenta pouco a pouco atingindo o tamanho final depois de 4 meses.



Foi em 1954 que Raoni encontrou-se com os irmãos Villas Boas, famosos indigenistas brasileiros. Com eles, começou a aprender a língua portuguesa e tomar consciência do mundo afora, aquele dos homens brancos. Ficou um ano inteiro perto dos irmãos Villas Boas.

No fim dos anos 1950, encontrou-se com seu primeiro presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek. Mais tarde em 1964, cruzara o caminho do rei Leopold III da Bélgica, que estava em expedição na região. Sinal do destino já que será outro belga que irá transformar o curso da sua existência, alguns anos mais tarde.

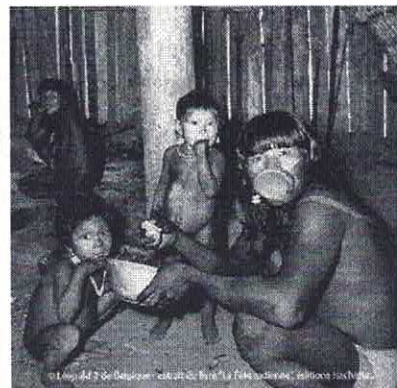
O encontro com o belga em questão, o jovem cineasta Jean Pierre Dutilleux, ocorreu em 1973. Fascinado pela personalidade e o carisma inacreditável de Raoni, Dutilleux voltara a visitá-lo alguns anos mais tarde com a ideia de dedicá-lo seu primeiro filme documentário longa-metragem.

O filme «Raoni» é apresentado no festival de Cannes em 1977. Foi um sucesso de crítica mas Jean Pierre Dutilleux transforma o teste conseguindo implicar Marlon Brando, filmando-o para uma versão inglesa. Raoni foi então indicado aos Oscars e exibido no Mann's Chinese Theatre de Los Angeles. O Brasil aclama o filme e Raoni torna-se o índio mais famoso do país continente. Este toma então consciência de que Kritako, o homem do nariz de faca, apelido indígena de Dutilleux, e sua câmera deram para ele o poder de divulgar as preocupações do povo Caiapó quanto ao desmatamento que ameaça seu meio ambiente.

Em 1989, com ajuda do cantor Sting (que lhe foi apresentado por Dutilleux) Raoni deixa o Brasil pela primeira vez e lança, em 17 países, um pedido de ajuda. Divulgado pela maior parte das redes de televisão, contribuirá para a tomada de consciência: o desmatamento não só destrói as últimas tribos indígenas como compromete o futuro de todos.

Doze Fundações Rainforest (Selva Virgem) são então criadas, com o primeiro objetivo de obter recursos para ajudar na criação, na Amazônia, na região do Xingu, de um parque nacional com uma superfície de mais ou menos 180 000 km² (cerca de um terço da França).

A missão foi cumprida em 1993, depois do formidável sucesso obtido pela sua vinda. Este parque, situado nos estados do Mato Grosso e do Pará, constitui hoje uma das maiores reservas de florestas tropicais do planeta. Depois desta campanha, o G7 irá desbloquear os fundos necessários à demarcação de todas as reservas indígenas existentes hoje no Brasil.



O presidente francês Mitterrand, foi o primeiro a apoiar a iniciativa de Raoni; seu apoio trouxe um formidável impulso nesta cruzada memorável. Seguiram, dentre outros, Jacques Chirac, o rei Juan Carlos da Espanha, o Príncipe Charles e o Papa João Paulo II...

Em 2000, enquanto o mundo se questiona sobre os grandes desafios que a humanidade irá enfrentar no novo milênio, Raoni volta à França, depois de 11 anos de ausência, no mesmo momento em que o Brasil celebrava o 500º aniversário de sua «descoberta» e anunciava oficialmente a continuidade do desmatamento como resposta às encomendas exteriores de madeira preciosa. Ele obteve novamente o apoio do presidente Jacques Chirac para seu projeto do Instituto Raoni, um conceito de liderança para preservar uma imensa área de floresta tropical no coração da Amazônia brasileira. Apesar de um estudo de viabilidade financiado pela França e de grandes esperanças, o projeto ficou congelado depois dos eventos do 11 de setembro 2001.

É o projeto do imenso complexo de barragens, a de Belo Monte, que ameaça diretamente o território que ele protegeu com tanta dificuldade, que fez Raoni sair da sua reserva em 2009. Ele decide então lançar-se numa última campanha para procurar apoio na Europa e dar um novo impulso ao Instituto Raoni, com o apoio do fiel amigo Jacques Chirac.

· Copyright © raoni.com 2010-2017 - Webmaster Mathieu Bonnat



En Amazonie, le combat de Raoni, le dernier des Kayapo

Par Nicolas Bourcier , Claire Gatinois et Sabah Rahmani

Publié le 11 mai 2019 à 06h06 - Mis à jour le 12 mai 2019 à 15h03

Réservé à nos abonnés

Partage

REPORTAGE | Le cacique débute lundi une nouvelle tournée en Europe pour plaider la cause de son peuple, trente ans après un voyage triomphal avec Sting.

Il expulse de ses poumons le reste de fumée qui s'y blottit avant de se lancer, d'un trait et pendant plus d'une heure, dans son histoire. A 87 ans, ou davantage, Raoni aime les contes. Surtout ceux qui évoquent les hommes et les femmes de son village kayapo, portant des masques et des parures au milieu de fêtes qui durent des semaines, parfois des mois.





Le chef Raoni s'endort dans sa maison de Peixoto de Azevedo, Mato Grosso (Brésil), le 20 avril. Avener Prado pour «Le Monde»

Il parle, et sa voix semble le rugissement d'un jaguar. Ses chants volent comme des oiseaux. Par moments, on entend son rire de vieux sage. Raoni fait ensuite silence et regarde la route avec l'intensité de ceux qui ont appris à savourer chaque seconde de l'existence. « *Non, je n'ai aucun regret, rien* », glisse-t-il.

Lire aussi

[Brésil : la détresse des indigènes face au mépris de Jair Bolsonaro](#)

MAIS QUE FAIT-IL A LA COP?

Raoni Metuktire : «Il faut que les Européens mangent ce qu'ils produisent sur leur propre sol»

Par [Laurence Defranoux](https://www.liberation.fr/auteur/4040-laurence-defranoux)(<https://www.liberation.fr/auteur/4040-laurence-defranoux>) — 12 décembre 2015 à 09:34



Le cacique Raoni, au Bourget, le 10 décembre. Photo Laurent Troude pour Libération

Le chef indien, âgé de 85 ans, est venu du Brésil pour dénoncer les activités des multinationales en Amazonie

Né au début des années 30, Raoni Metuktire est le cacique du peuple Kayapo d'Amazonie. Chef de cette communauté brésilienne d'environ 7 000 âmes, il s'est fait connaître en 1989 en accompagnant le chanteur Sting dans une tournée mondiale, pendant laquelle il a rencontré, entre autres, François Mitterrand, Jean Paul II ou l'empereur du Japon. Jeudi, il a tenu au Bourget une conférence grand public, durant laquelle il s'est élevé contre la construction de barrages hydroélectriques et a lancé un appel aux dons pour son institut. L'interview a été réalisée via une double traduction, du kayopo au portugais, puis du portugais au français. Et vice versa.

«Je suis venu à la COP21 pour demander enfin aux gouvernements de prendre les mesures qui s'imposent contre la dégradation du milieu ambiant, et pour lancer l'alliance des Gardiens de la Mère Nature, avec d'autres chefs indigènes. Il est indispensable qu'on s'unisse car nous subissons tous les mêmes menaces face à un ennemi identique, et c'était l'occasion de nous rencontrer. Notre texte avec des propositions pour défendre la nature et les générations futures a été signé par 8 chefs, venus d'Amérique du Nord, du Pérou, de Bolivie, d'Afrique, de Papouasie, de Thaïlande [en plus de 5 chefs amazoniens, ndt].

«Les jeunes sont obligés par la loi brésilienne d'apprendre le portugais, et avec la langue ils apprennent la manière d'être des Brésiliens. Ils sont très attirés par la technologie, ce qui a deux effets opposés. Ce qui est positif, c'est qu'ils nous ramènent des informations sur le monde, et que nous sommes au courant des choses qui nous concernent. Le mauvais côté, c'est que cela les éloigne de la culture traditionnelle, ils s'habituent à des divertissements qui ne sont pas typiques. Dès que l'on apprend que l'un d'eux a des problèmes d'alcool, on le rapatrie immédiatement au village.

«Aux garçons, on leur dit d'apprendre d'abord leur culture, ensuite celle des autres. Et je leur conseille de continuer à préserver notre culture. Chez nous, la vie des femmes est très différente, elles travaillent aux champs, à la maison, transmettent aux filles leurs connaissances. C'est très important que les femmes continuent à avoir un comportement traditionnel.

«Personnellement, je ne ressens aucun problème à naviguer entre les deux cultures depuis trente ans. Je m'adapte, je regarde, j'aime découvrir le monde, les différences de climat m'amuse. J'aime beaucoup la France, et les Français m'aiment beaucoup. Au Brésil, les industries minières, agricoles et de l'énergie menacent notre forêt. Les grands propriétaires fonciers déboisent pour faire des cultures, y déversent des pesticides, qui se retrouvent dans les rivières dont nous buvons l'eau. Il faudrait boycotter les produits issus de cette dévastation, et que les Européens mangent ce qu'ils produisent sur leur propre sol. J'espère que vous allez m'aider dans ce combat, et le nerf de la guerre, c'est l'argent.»

LIRE AUSSI L'INTERVIEW DE VICKY TAULI-CORPUZ

«80% de la biodiversité se trouve dans les territoires indigènes»(https://www.liberation.fr/planete/2015/12/11/cop21-80-de-la-biodiversite-se-trouve-dans-les-territoires-indigenes_1420038)

[Laurence Defranoux \(https://www.liberation.fr/auteur/4040-laurence-defranoux\)](https://www.liberation.fr/auteur/4040-laurence-defranoux)

ACTUS
L'ÉCHO DE LA TERRE

TERRA LIBRE
LE FILM

L'ALLIANCE
DES GARDIENS DE MÈRE
NATURE

MEDIA CENTER
DOCUMENTATION

Accueil > Actualités >

ACTUALITÉS, ENQUÊTES | 11 MAI 2019 |

En Amazonie, le combat de Raoni, le dernier des Kayapo – par Le Monde



Le cacique débute lundi une nouvelle tournée en Europe pour plaider la cause de son peuple, trente ans après un voyage triomphal avec Sting. Par Nicolas Bourcier, Claire Gatinois et Sabah Rahmani

Le cacique Raoni entouré du cinéaste Jean-Pierre Dutilleux (à gauche) et du journaliste Patrick Mahé venant de lui remettre une copie du livre « Raoni, mémoires d'un chef Indien » – Mai 2010.

Il expulse de ses poumons le reste de fumée qui s'y blottit avant de se lancer, d'un trait et pendant plus d'une heure, dans son histoire. A 87 ans, ou davantage, Raoni aime les contes. Surtout ceux qui évoquent les hommes et les femmes de son village kayapo, portant des masques et des parures au milieu de fêtes qui durent des semaines, parfois des mois. Il parle, et sa voix semble le rugissement d'un jaguar. Ses chants volent comme des oiseaux. Par moments, on entend son rire de vieux sage. Raoni fait ensuite silence et regarde la

route avec l'intensité de ceux qui ont appris à savourer chaque seconde de l'existence. « *Non, je n'ai aucun regret, rien* », glisse-t-il.

Sur le bac qui relie les deux rives léchées par les eaux sombres du rio Xingu, en plein cœur de ce Sud profond de l'Amazonie brésilienne, trois touristes se précipitent sur lui pour une séance de selfies. Lui s'en amuse. Il pose avec sa pipe calée entre le coin de sa lèvre et son célèbre plateau labial. Il est fier : « *Vous savez qu'une partie des revenus du bateau permet d'acheter chaque mois de la nourriture pour le village ?* » Il remonte dans la voiture. Et ponctue la conversation par : « *Vous avez des sous ?* » Raoni, c'est un peu ça : un cacique connu de tous, un colosse au charme immédiat, mais à la parole directe et tranchante, tourné exclusivement vers la survie des siens, quoi qu'il en coûte. « *L'argent est une malédiction* », dit-il. Avant de s'empresse d'ajouter, comme pour mieux conjurer un piège devenu incontournable : « *Mais une malédiction aujourd'hui indispensable pour maintenir la démarcation de nos terres, les protéger et aider nos peuples.* »

NEUVIÈME TOURNÉE EN EUROPE

Le chef kayapo effectue sa neuvième tournée en Europe du 13 au 31 mai. Sa figure poignante avait déjà secoué la planète en 1989, lorsqu'il courut au côté de Sting les plateaux télé et les scènes de concert. Il a connu la surexposition médiatique. Le tourbillon d'une époque. Les centaines de milliers de dollars amassés pour la cause indigène, la démarcation des terres et la défense des cultures autochtones. Les bisbilles aussi et les tiraillements avec des proches. Et puis plus rien, ou presque. Après l'« âge d'or » des années 1990, comme l'appellent les indigénistes, les dangers sont vite réapparus. Le président Luiz Inacio Lula da Silva a autorisé la construction du barrage controversé de Belo Monte sur le Xingu. D'autres ont suivi. Les routes aussi. Et l'extension irréfrenée des fronts agricoles. L'argent, lui, s'est glissé dans les villages, même les plus reculés, avec la Bolsa Familia, cette bourse versée aux familles les plus pauvres du pays. Un pécule modeste, mais qui a encore un peu plus modifié les équilibres déjà fragiles des communautés indigènes.

L'arrivée au pouvoir en janvier de Jair Bolsonaro n'a fait qu'accentuer les inquiétudes. En évitant le ministère de l'écologie et en laissant aux mains de l'agrobusiness la tâche de démarquer les terres indigènes, le président d'extrême droite a revendiqué une stratégie d'exploitation sans concession de l'Amazonie, et une volonté d'acculturation violente des populations autochtones. Il l'a dit

en campagne : « *Les minorités devront s'adapter à la majorité... ou simplement disparaître.* »

Alors, Raoni est venu à Brasilia, deux fois depuis l'investiture de Jair Bolsonaro. Il y a fait part de sa colère. Porte-parole des populations natives du Brésil, il a promis de repartir en guerre face aux nouveaux hommes forts de la capitale. A l'écouter parler devant les micros, Raoni a su une nouvelle fois brasser le destin des centaines d'Indiens kayapo (7 000 personnes selon les statistiques), des milliers d'autres Indiens des villages et des villes (900 000 personnes), pris au piège de l'identité dans un pays où les indigènes sont à la fois citoyens depuis peu et victimes depuis trop longtemps.

TROIS OBJECTIFS

Pour sa nouvelle tournée européenne, le cacique participera à plusieurs conférences au côté de Jean-Pierre Dutilleux. C'est ce cinéaste belge qui lui avait consacré, en 1978, un documentaire, *Raoni*, nominé aux Oscars l'année suivante, avec la voix off de Marlon Brando.

Interrogé par *Le Monde*, le réalisateur, président d'honneur de l'Association pour la forêt vierge, identifie trois objectifs pour cette tournée : collecter 1 million d'euros afin de démarquer de nouveaux territoires kayapo, 15 millions d'euros pour créer un institut Xingu au cœur de la réserve indigène, et promouvoir son dernier livre avec le cacique, paru le 8 mai et intitulé *Raoni. Mon dernier voyage. SOS pour l'Amazonie* (Arthaud, 254 p., 19 euros). Le dernier et sixième opus consacré à son « ami » Raoni, comme il dit, avec une préface du journaliste Patrick Mahé, ancien de *Paris Match* et proche de Jean-Marie Le Pen.

Etrange attelage. Raoni et Jean-Pierre Dutilleux se sont rencontrés en 1973 dans la forêt amazonienne, ici même, en plein Mato Grosso. Jeune aventurier, le cinéaste belge intervient alors pour soigner un des fils du cacique grièvement blessé. C'est lui qui participera ensuite à la première médiatisation du chef indien, sera témoin de son premier contact avec l'argent, ainsi que de l'ouverture de son premier compte en banque. S'ensuivent quarante années de relations intenses, tumultueuses aussi, faites de ruptures et de controverses. Une période durant laquelle le réalisateur autodidacte n'aura de cesse d'alimenter une réputation sulfureuse.

A intervalles plus ou moins réguliers, il fait l'objet de nombreuses critiques acerbes dans les médias, non seulement brésiliens, mais aussi belges, anglais et français. Des critiques également de la part

d'anthropologues et d'anciens collègues, qui voient en lui un opportuniste de la cause, un ambitieux malhonnête, soucieux de ses propres intérêts. Dès 1981, le quotidien Folha de S. Paulo accuse Jean-Pierre Dutilleux de n'avoir pas respecté son contrat avec la Fondation nationale de l'Indien (Funai), qui prévoyait un versement de 10 % des gains du film Raoni à des communautés indiennes du Xingu.

Plusieurs fois, Raoni dénonce l'utilisation de son nom par le cinéaste, tout comme l'exploitation de son image pour « *son propre bénéfice* ». Le chef kayapo porte même ses accusations face caméra et dépose son témoignage sur YouTube en 2017, assurant qu'il ne travaillera « *plus jamais avec Jean-Pierre* ». Avant de se raviser. Et d'accepter de venir en Europe avec lui.

UN NOUVEAU COMBAT POUR STING

« *Nous nous sommes parlé, souligne-t-il aujourd'hui. Il m'a assuré que les revenus reviendront à mon peuple intégralement, le moindre sou que nous parviendrons à récolter lors de cette campagne. Jean-Pierre n'aura pas l'autorisation d'y toucher.* » La malédiction, assurément. Ou l'impossibilité de refuser toute aide extérieure, vu la contingence dramatique des peuples indigènes. Raoni ne dit plus rien. Il fige son regard, et finit par rallumer sa pipe.

Pour tenter de comprendre, il faut retisser les fils de leurs histoires, reprendre les moments forts de leurs combats et les controverses qui jalonnent le parcours du réalisateur-écrivain belge. Un des épisodes-clés se situe certainement en 1987. Jean-Pierre Dutilleux est « au bord de la faillite », comme il le confiera plus tard au magazine Rolling Stone. Il cherche un nouveau moyen d'aider les Kayapo.

Stewart Copeland, ex-batteur du groupe Police, lui aurait alors suggéré, durant un tournage, de mettre en lumière Raoni au côté de la star internationale Sting, pour attirer l'attention des médias. Après un premier rendez-vous arrangé, l'artiste aurait décliné la proposition de M. Dutilleux. Celui-ci insiste, déploie tout un stratagème pour convaincre le musicien, allant jusqu'à demander l'aide d'un sorcier brésilien. « *J'étais un peu fou et encore jeune* », souligne-t-il. La magie folle opère. Il réussit à convaincre Sting, après son concert à Rio, et sa femme, l'actrice Trudie Styler, de le suivre pour une virée de quelques jours en Amazonie à la rencontre de Raoni.

Séduit, le couple s'engage dans la lutte pour la sauvegarde de l'Amazonie et le peuple kayapo. Une aventure inédite que Sting racontera deux ans plus tard dans le livre *Amazonie : lutte pour la*

vie (JC Lattès, 1989), publié avec les photographies de Jean-Pierre Dutilleux. A l'époque, c'est un nouveau combat pour l'artiste, qui s'était déjà engagé au côté d'Amnesty International en faveur des droits de l'homme. Habitué des concerts au profit de causes humanitaires, Sting découvre cette fois les enjeux écologiques liés aux terres et aux droits des peuples autochtones.

SENSIBILISER L'OPINION PUBLIQUE

« Raoni m'avait demandé si je pouvais l'aider à protéger ses terres ancestrales contre les destructions causées par les bûcherons, les mineurs et les éleveurs », se souvient Sting. « Je lui ai dit que j'essaierais de l'aider, même si je n'avais aucune idée de la façon dont cela pouvait être réalisé. Avec le recul, accepter cette décision était peut-être une naïveté de ma part, ou de l'orgueil, mais j'ai sans doute été influencé par l'appel direct de Raoni », précise le chanteur, encore admiratif du dirigeant kayapo. Si l'artiste britannique n'avait aucune idée de la manière de procéder pour venir en aide, M. Dutilleux avait déjà un projet en tête : une tournée mondiale de Raoni au côté de Sting, orchestrée par ses soins.

En 1989, le trio commence un voyage sans précédent dans la lutte indigène. Ensemble, ils parcourent dix-sept pays pour sensibiliser l'opinion publique et rencontrer les leaders politiques : les présidents du Brésil et de la France, le roi d'Espagne, le prince Charles, le prince Albert de Monaco, le pape Jean Paul II, l'empereur du Japon... *« Je n'étais qu'un membre de cet étrange ménage, mais les gens semblaient disposés à écouter, ou du moins étaient intrigués », dit Sting. Raoni, lui, n'avait jamais quitté son pays : « Sting m'a beaucoup aidé et je n'oublierai jamais ce qu'il a fait pour appuyer la campagne de démarcation de notre terre », poursuit-il.*

Sous la pression médiatique et de l'opinion internationale, l'homme fort de Brasilia à l'époque, José Sarney, accepte le projet de démarcation des territoires du Haut-Xingu et du Bas-Xingu, région historique des Kayapo. A condition que les Indiens et leurs alliés financent eux-mêmes le projet. La tournée offre l'occasion de lever des fonds pour créer la plus grande réserve indigène en Amazonie : le parc national du Xingu, d'une superficie de 184 000 km², l'équivalent d'un tiers de la France.

« CES GENS-LÀ DÉPENSENT TOUT CE QUE L'ON A RÉCOLTÉ ! »

Sting cofonde alors avec Trudie Styler et Jean-Pierre Dutilleux la Rainforest Foundation. Douze associations nationales voient le jour

pour collecter les fonds. En France, elle porte le nom d'Association pour la forêt vierge, présidée par M. Dutilleux. Le succès est au rendez-vous. Les dons affluent de partout, générant une belle cagnotte : 1,2 million de dollars, selon la Rainforest Foundation, voire 3 millions de dollars, selon le cinéaste.

Si jusqu'ici tout semblait réussir à la cause, la belle épopée bascule dès la fin de l'année 1989. Paniqué, Sting appelle Franca Sciuto, avocate et présidente à l'époque du comité exécutif d'Amnesty International à Londres. *« "Je suis dans le pétrin... Peux-tu m'aider ? J'ai fait une tournée avec Jean-Pierre Dutilleux et des amis à lui, on a recueilli de l'argent, et ces gens-là dépensent tout ce que l'on a récolté !" Sting était catastrophé et désespéré, il ne savait plus quoi faire, se rappelle la responsable. Tout le monde se baladait, voyageait dans les meilleurs hôtels de luxe entre le Brésil, Londres et Los Angeles. C'était la pagaille. L'argent était dilapidé ! »*

Alors qu'il ne s'était pas exprimé dans les médias sur ce sujet depuis près de trente ans, Sting livre aujourd'hui sa version : *« Malheureusement, nous commençons à attirer l'attention de personnes ayant déjà eu affaire à M. Dutilleux, dans des situations où il semblait s'être fait beaucoup d'ennemis. Je n'avais absolument aucune preuve que leurs affirmations étaient vraies, mais cela m'inquiétait, car il y en avait tellement ! Les autres membres du conseil ne faisaient pas confiance à M. Dutilleux depuis le début et étaient très inquiets de sa réputation excentrique. Il a été sommairement rejeté du conseil par une majorité et je n'ai eu aucun contact avec lui depuis lors. »*

Interrogé à son tour, Jean-Pierre Dutilleux esquive les raisons de son départ. *« Je me suis retrouvé en position minoritaire, alors que j'étais le seul qui parlait portugais, qui connaissait les Indiens, et qui avait monté toute cette histoire au départ. On m'a forcé à partir »,* affirme-t-il.

« TERMINÉ, TOUT LE MONDE DEHORS »

Lorsque Franca Sciuto, nommée par Sting à la tête de la fondation, rencontre pour la première fois Jean-Pierre Dutilleux avant son éviction, elle est frappée par sa demande inattendue d'acheter un avion au peuple kayapo. Elle refuse, il insiste, la suit jusque dans son hôtel pour la convaincre. *« A cet instant, j'ai dit : "Terminé, tout le monde dehors." Je l'ai mis à la porte, lui, son directeur et tous ceux qui l'entouraient »,* se souvient-elle. Quelques mois plus tard, dans le village de Raoni, l'avocate reste stupéfaite par les arguments qu'on lui présente : *« Les Kayapo m'ont tout de suite parlé de l'avion et*

l'un d'eux a dit : "Comme ça, on pourra aller acheter du Coca-Cola" ! Ils n'ont évidemment pas eu l'avion. »

Si l'anecdote peut paraître saugrenue, elle dénote les ravages de l'acculturation auxquels peuvent être exposés les peuples autochtones. Pour l'anthropologue français Patrick Menget, spécialiste de la région du Xingu au Brésil et ancien président de Survival International France, une ONG de défense des droits des peuples autochtones, *« les populations indigènes sont extrêmement attirées par le mode de vie "moderne", dont ils n'ont finalement que les miettes. Ils sont alors nombreux à devenir diabéto-dépendants ».*

Quelques semaines avant son décès, en avril, le professeur d'université à la retraite dressait lui aussi une évaluation très sévère des compétences de Jean-Pierre Dutilleux à représenter la cause indigène : *« Les traductions de Raoni par Dutilleux, à l'époque de la tournée, étaient grotesques ! Il parlait très mal portugais et prétendait parler kayapo. Tout le monde sentait qu'il frimait. »*

En janvier 1990 éclate un nouveau scandale, public cette fois. La tournée de la Rainforest Foundation est montrée du doigt par une enquête publiée dans la version française du magazine *Rolling Stone*. Elle cible directement la star anglaise, avec un titre pour le moins provocateur : *« Sting a-t-il violé la forêt vierge ? »* Le journaliste Mark Zeller s'interroge notamment sur l'engagement de l'artiste : *« Pure naïveté ? (...) Soit il exploite le problème, soit il se fait lui-même exploiter. »* Sur un ton satirique, il dénonce les dérives de la tournée mondiale, ponctuée de ventes aux enchères mondaines, où caviar et champagne entachent les dépenses destinées à la cause. *« Où va l'argent ? A quoi sert-il ? »*, demande-t-il.

« LES ASSOCIATIONS S'INTÉRESSAIENT PLUS À STING »

La multiplicité des statuts des douze associations fondées à travers le monde complexifie la gestion et le contrôle des dépenses. Impossible aujourd'hui de chiffrer la somme exacte de toutes les donations perçues. *« J'ai commencé à remettre en ordre la Rainforest Foundation en 1990, j'y ai passé des mois »*, confie Franca Sciuto, consciente des dérives qui avaient terni la tournée. La militante des droits de l'homme constate avec amertume que *« personne ne s'intéressait vraiment aux populations indigènes, les associations s'intéressaient plus à Sting »*. La maison mère rompt alors avec la plupart des bureaux dans le monde.

Quelques mois après l'article français, c'est au tour de la chaîne anglaise BBC de s'interroger, dans un documentaire, sur les faits qui ont entaché la campagne de Sting. La question des recettes du livre de l'artiste et de M. Dutilleux, édité dans plusieurs pays, est à son tour posée. Alors que la version anglaise, *Jungle Stories*, mentionne sur la couverture que tous les bénéfices seront reversés à la fondation, M. Dutilleux n'aurait pas reversé sa part de royalties. Celui-ci s'en défend, et souligne avec agacement que Sting est un « milliardaire » et que lui, à l'époque, n'avait « pas un rotin. La moitié de l'avance du livre, c'était pour moi, et je l'ai gardée » : « 400 000 francs », dit-il, soit plus de 60 000 euros.

Dernier point épineux soulevé, là encore, par le journaliste Mark Zeller : pourquoi concentrer la campagne sur les Kayapo, dont le territoire n'est pas en danger immédiat, alors que « la tribu des Nambikwara a perdu la moitié de sa population quand la nouvelle route a traversé l'Etat de Rondonia » et que « les Yanomami se font joliment décimer » ? « Pouvait-on vraiment s'attendre à ce que nous résolvions les problèmes de l'ensemble de l'Amazonie ? », rétorque Sting, dont la fondation élargira ses actions en faveur des peuples autochtones.

Raoni a posé sa pipe depuis longtemps. Il dit et répète qu'il a toujours beaucoup aimé Sting : « Il m'a énormément aidé, je ne l'oublierai jamais. » Sans amertume dans l'évocation, avec un léger sourire même, voilà que le cacique fredonne un air de musique.

Nicolas Bourcier: Metuktire, Peixoto de Azevedo, Brasilia (Brésil),
envoyé spécial

Claire Gatinois: Sao Paulo, correspondante

Sabah Rahmani: Metuktire, Peixoto de Azevedo, Brasilia (Brésil),
envoyée spéciale



Jean-Pierre Dutilleul s'agrippant au cacique Raoni tandis que celui-ci est accompagné par Jacques Chirac - mai 2010, photo John Van Hasselt

© Le Monde - 11/05/2019 - Article original (réservé aux abonnés)

ACTUS LIÉES



Terra Libre Agenda
Projections - Terra
Libre Projections

PROJECTION DE 'TERRA LIBRE', SUIVIE D'UN DÉBAT À L'OCCASION DU SYNODE POUR L'AMAZONIE AU VATICAN

Terra Libre sera projeté
le mercredi 16 octobre
2019 à l'Institut
français - Centre
Saint-Louis, à Rome, à
l'occasion du Synode
pour [...]



Terra Libre Agenda
Projections - Terra
Libre Projections

URGENCE AMAZONIE : CINÉ- RENCONTRE » TERRA LIBRE «

Terra Libre sera projeté
le mardi 15 octobre
2019 au Cinéma
Vendôme à Ixelles (près
de Bruxelles), dans le
cadre d'une soirée
consacrée [...]



Festivals / conférences
/ colloques Agenda

DROITS DE LA TERRE : LE TEMPS DE L'ACTION - UN APRÈS-MIDI AVEC L'ALLIANCE DES GARDIENS DE MÈRE NATURE

À quelques semaines
de la COP 25, après un
été dévastateur pour
les grandes forêts de la
planète, ravagées par
des feux gigantesques
[...]



Festivals / conférences
/ colloques Agenda

URGENCE PLANÉTAIRE CLIMAT / BIODIVERSITÉ : REBÂTIR AVEC LES PEUPLES AUTOCHTONES POUR SORTIR DE L'IMPASSE

À quelques semaines
de la COP 25, après un
été dévastateur pour
les grandes forêts de la
planète, ravagées par
des feux gigantesques
[...]

POUR ALLER PLUS LOIN

- **BNP Paribas cible de chefs indigènes du Brésil pour son rôle dans la destruction de l'Amazonie**
(2019-11-17)

- **« GARDIENS DE LA TERRE »
: VENEZ À LEUR
RENCONTRE !**
(2019-10-21)
- **L'ALLIANCE DES GARDIENS
DE MÈRE NATURE APPELLE
AU RASSEMBLEMENT À
PARIS DU 23 AU 27/10/2019**
(2019-10-11)
- **LE CACIQUE RAONI PRIX
NOBEL DE LA PAIX, un long
chemin pour une évidence**
(2019-10-10)
- **PROJECTION DE 'TERRA
LIBRE', SUIVIE D'UN DÉBAT
à l'occasion du Synode pour
l'Amazonie au Vatican**
(2019-09-27)

Mis a jour le 2019-09-27 17:56:31

[CONTACTEZ-NOUS](#) [CRÉDITS ET MENTIONS LÉGALES](#)

©2014 - Planète Amazone

NEWSLETTER

OK

 Français  Português  English

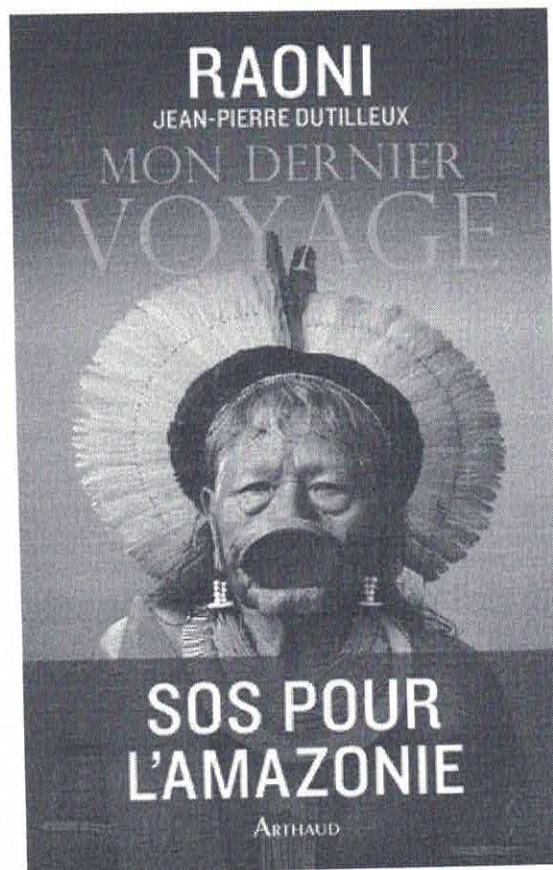
(/)

JEAN-PIERRE DUTILLEUX

■ ■ (<https://jpdutilleux.org/fr/livres>)  (/en/books)

Vous êtes ici : / Accueil (/fr) ▶ / Livres

Livres



Raoni, mon dernier voyage (2019)

Hors collection - Récits et témoignages

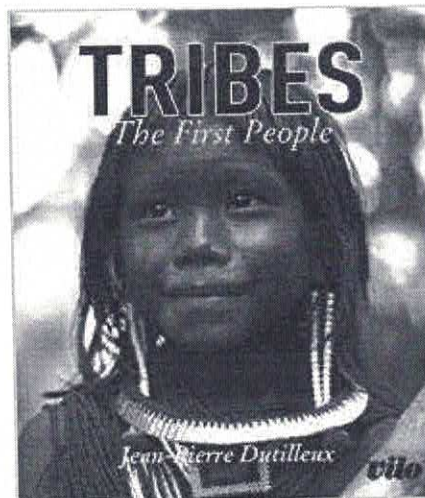
Paru le 08/05/2019



Sur la trace des peuples perdus (2015)

Éditions Hugo Doc, 2015

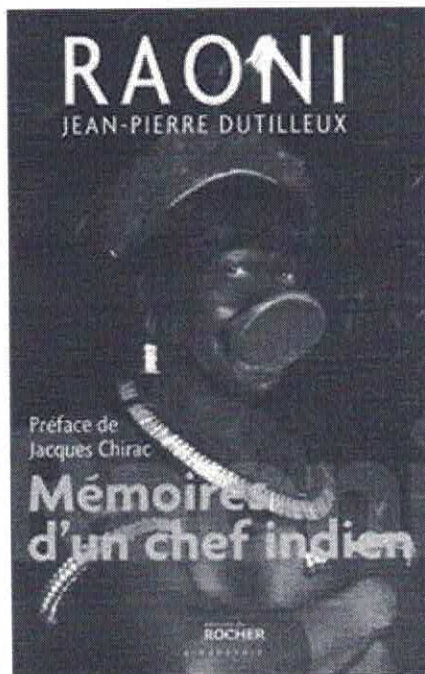
Édition limitée



Tributs : les Peuples Premiers (2013)

Editions Vilo

Édition limitée



Raoni : Mémoires d'un Chef Indien (2010)

Rocher Editions

Les mémoires du grand Chef Indien Kayapo.

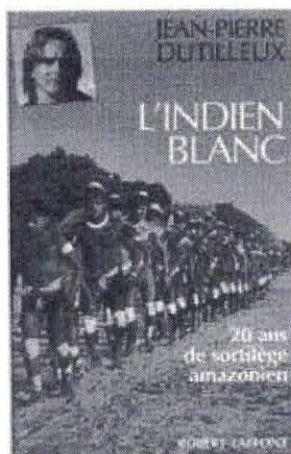


Raoni et le monde premier (2000)

Au même titre Editions

Un livres de photographies des tribus issu de la série TV "Tribal journeys".

En français et en anglais. Il est vendu avec une collection de 6 DVD (2 films par DVD).



L'Indien blanc : vingt ans de sortilège amazonien (1994)

Robert Laffont Editions

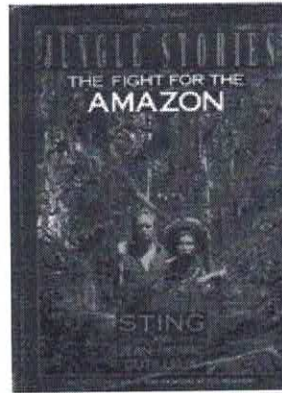
Une biographie à propos du travail de Jean-Pierre Dutilleux's dans la Forêt Amazonienne entre 1973 et 1993.



Raoni - Le tour du monde d'un Indien en 60 jours (1990)

Éditions NO 1

Images de la tournée de la "Rainforest foundation". Avec Raoni, SSting, Red Crow et Jean-Pierre Dutilleux.



Amazonie lutte pour la vie (1989)

J.C. Lattes Publishing

Le premier voyage de Sting dans la forêt amazonienne, écrit par Sting.

Red Crow rencontre Raoni.

Traduit dans plusieurs langues.

© 2019 Jean-Pierre Dutilleux - Cinéaste indigène

